SITUAÇÃO GEOGRÁFICA
Salvador, Instituto Federal da Bahia
ISSN 2596-1055
SITUAÇÃO GEOGRÁFICA, vol. 02, 2019

DA LADEIRA BARÃO HOMEM DE MELLO À LADEIRA DA MONTANHA:

Ressignificações do espaço e da paisagem

Kuana Hervan Soares de Oliveira[1]

RESUMO

A Ladeira da Montanha tem sido um importante meio de ligação entre as "duas" cidades de Salvador. Concebida em meados do século XIX pelo Presidente da Província, Barão Homem de Mello, a Ladeira da Montanha foi uma resposta a pedidos da população soteropolitana por um acesso mais plano, para as pessoas subirem e transportarem as cargas atracadas no porto de Salvador para a Cidade Alta, então parte administrativa e residencial da cidade. Inicialmente, a ladeira recebeu o nome de Barão Homem de Mello, mas foi mudando sua significação e de toponímia ao longo dos anos, chegando ao século XIX como um local dos prostíbulos mais conhecidos de Salvador, recebendo toda a boemia da cidade. Hoje, a mais conhecida Ladeira da Montanha passa por um processo forte de degradação e esquecimento, com muitos casarios abandonados, caídos ou ocupados por uma população marginalizada. Esse trabalho tem o intuito de analisar o contexto geográfico e histórico desse local e fazer uma descrição da paisagem atual do seu entorno, evidenciando os processos de transformações que a Ladeira da Montanha passou ao longo de três séculos.

Palavras-chave: Ladeira da Montanha, Barão Homem de Mello, Descrição da paisagem.

[1] Graduanda em Geografia Pela Universidade Federal Da Bahia (UFBA). E-mail:kauana_hervan@live.com

Introdução

> "A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais"
> (Milton Santos, 1996, p. 107)

A Ladeira da Montanha é mais conhecida por seus antigos prostíbulos, frequentados por pessoas da cidade e por marinheiros de diversas partes do mundo que por aqui passaram no século XIX. Caracterizada pelos cabarés luxuosos de outrora, a Ladeira da Montanha ainda reverbera essa fama, mesmo que hoje não tenha mais esse *glamour*. Ao longo dos séculos, Salvador vem passando por grandes transformações urbanas, culturais e sociais, e há um processo de deterioração do centro antigo da cidade. A Ladeira da Montanha vem acompanhando essas transformações e ressignificações não somente em seu entorno, mais em si mesma, dando origem ao que Milton Santos denominou "rugosidades", isto é, "o espaço construído, o tempo histórico transformado em paisagem e incorporado ao espaço" (SANTOS, 1978, p. 138).

Esta pesquisa começou a se desenhar em 2015, com as notícias sobre os deslizamentos de terra na localidade da Ladeira da Montanha, ocasionando a queda de 8 casarios e havendo mortes. A partir daí, despertou-se o interesse sobre essa ladeira de Salvador, entender o porquê de sua criação, sua delimitação espacial e seu processo de ressignificação ao longo de três séculos. Assim, é preciso entender o seu entorno, sentir seu cheiro e ver nas suas "cicatrizes" a história dessa fundamental ligação entre os dois setores da cidade de Salvador. Visto que toda a antiga Salvador passa por um processo severo de degradação, é preciso saber como se deu o processo histórico dessas ruas e descreve-las, afinal, não sabemos o quanto mais a maioria dos Casarios e das ruas se manterá em pé. Segundo SANTOS (1996)

> Se queremos interpretar cada etapa de evolução social, cumpre-nos retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades representam juntamente com a história tal como a sociedade a escreveu de momento em momento. Assim reconstituímos a história a pretérita paisagem, mas a função da paisagem atual nos será dada por sua confrontação com a sociedade atual (SANTOS, 1996, p. 107)

Esse artigo está dividido em três secções. A primeira secção é voltada para a demarcação geográfico-histórica da Ladeira da Montanha, para que possamos entender as motivações de de sua criação, quem a solicitou, como foi sua construção, como era utilizada no século XIX. Ainda nesse primeiro momento, analisaremos a transformação

da Ladeira da Montanha em uma ladeira conhecida por seus cabarés e sua boemia. Também será verificado o seu entorno, acontecimentos e feições, como a perda do Teatro São João e as galerias da Ladeira da Conceição – sustentação da ladeira –, perpassando pelo século XX e chegando à atualidade, para abordarmos o processo atual de forte degradação. Toda essa primeira secção está apoiada em uma revisão bibliográfica.

Na segunda secção, apresentaremos o entorno da ladeira na Salvador do século XIX, a partir da visão do professor João José Reis (1991), que faz uma descrição detalhada sobre essa antiga Salvador e sua população, uma descrição rica em recursos imagéticos, com constante apelo aos sons, cores, cheiros, movimentos. Essa descrição que João José Reis faz do passado se baseando em obras de outras pessoas já vividas e que viram a Salvador do século XVIII é importante para que o leitor sinta que está o mais próximo possível do que seria mesmo aquela experiência do passado. Segundo André Nunes de Sousa (2015):

> (...) a imagem de mundo que o autor cria precisa ser antes de tudo uma imagem transmissível, com repercussão e ressonância no leitor, nos diria Bachelard [...]. Para tanto, o autor precisa modelar as formas e os conteúdos de suas representações a fim de dar ao texto a força imagética capaz de fazer sonhar o leitor (SOUSA, 2015, p. 26).

No terceiro momento, desenvolvemos uma descrição da paisagem do entorno da Ladeira da Montanha atual, a partir da nossa experiência, a partir das impressões e reminiscências de quem a (d)escreve (BENJAMIN, 1996). Nesse terceiro momento, construímos uma intertextualidade com fotografias atuais de como se apresenta o entorno da Ladeira da Montanha; o intuito foi o de potencializar a imagem de paisagem descrita. Essa descrição atual é extremamente importante para passarmos da paisagem para o espaço, pois, conforme o professor Paul Claval:

> Não se trata mais de contentar-se em descrever o meio ambiente no qual vivem e trabalham os homens; o que se procura compreender são as relações complexas que se estabelecem entre indivíduos e os grupos, o ambiente que eles transformam, as identidades que ali nascem ou se desenvolvem (CLAVAL, p. 71).

Ao fim da pesquisa e do artigo tentaremos demonstrar a importância da descrição da paisagem como documento, a um só tempo, geográfico e histórico. Sem as descrições de viajantes que passaram em algum momento por Salvador e descreveram sua experiências, impressões e reminiscências, destacando cada detalhe apreendido, seja

da paisagem ou dos hábitos da população, jamais poderíamos utilizar este recurso para fazer uma "experiência do passado", como fez João José Reis, tornando esse relato passível de transmissão, ou seja, em algo que diz respeito à esfera pública. Sendo assim, este artigo tem o propósito de fazer o leitor embarcar numa experiência atual do espaço que é o entorno e a Ladeira da Montanha, fazendo um comparativo com o já experimentado, transmutando esta prática em um documento geográfico-histórico.

Contextualização geográfico-histórica

Salvador foi a primeira cidade planejada do Brasil, pensada para ser edificada como cidade e como capital da América Portuguesa. A Soterópolis foi construída com o propósito de ser uma cidade-fortaleza, dividida em dois planos: a cidade baixa, voltada para navegação, com portos para as embarcações atracarem ao longo da costa, e a cidade alta, responsável pela administração local e guarnecida por fortes que garantiriam uma visão estratégica sobre a Baía de Todos os Santos. Após a sua fundação e conquista da posição de praça comercial mais importante das Américas, por dois séculos e meio (VASCONCELOS, 2002), foi preciso criar vias que interligassem os dois planos da mesma cidade.

A Ladeira Barão Homem de Mello, rebatizada pela população da cidade como Ladeira da Montanha, foi construída na escarpa da falha de Salvador, que divide os dois planos da cidade em Cidade Alta (planalto) e Cidade Baixa (planície da baía de Todos os Santos). Em termos geomorfológicos, Salvador divide-se em cinco compartimentações, segundo Gonçalves (1992), sendo a escarpa da falha uma das feições geomorfológicas de maior destaque, resultante de movimentos tectônicos que deram origem à Baía de Todos os Santos. Salvador está sobre embasamentos cristalinos do período pré-cambriano, sendo assim, a escarpa da falha de Salvador, dita algumas das características morfológicas mais importantes na cidade.

Segundo a professora Neyde Gonçalves, a falha geológica de Salvador:

> Prolonga-se por mais de 20 Km, desde o bairro de Barra até além dos limites Norte/Nordeste do município, correspondendo ao rebordo do planalto, com altitudes que variam entre 50 e 100 metros e ângulos de inclinação de encostas, por vezes, superiores a 40º (GONÇALVES, 1992, p. 61).

A Ladeira da Montanha começa na Rua do Ourives, aos pés da Ladeira da Conceição (atual bairro do Comércio), na Cidade Baixa; e termina, na antiga Rua do Teatro (Praça Castro Alves), ao alto da Ladeira da Gameleira, na Cidade Alta. "A Montanha" foi parte essencial na vida do soteropolitano no fim XIX até o início do século XX, especialmente voltada para transportar todo o tipo de carga que chegava dos navios ao porto e eram levados para a principal rua comercial de Salvador, a Rua Chile.

Figura 1: Escarpa da falha geológica. No canto esquerdo da foto, a Ladeira da Montanha.

Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

A construção da Ladeira da Montanha foi requisitada pelo então Presidente da Província (governador) da Bahia, o Barão Homem de Mello, no ano de 1878. Embora tenha governado a Bahia por apenas 10 meses, Homem de Mello trouxe mudanças significativas para a província. Nascido em Pindamonhangaba, Província de São Paulo, Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (1 de maio de 1837 - 4 de janeiro de 1918), recebeu do imperador Pedro Segundo o título de Barão Homem de Mello. Além de figura destacada na vida política do Império e primeiras décadas da República, Homem de Mello foi, sobretudo, geógrafo e historiador, tendo sido sócio do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro (WILDBERGER, 1949) e presidente de honra do 5º

Congresso Brasileiro de Geografia, ocorrido na cidade de Salvador em 1916 (SOUSA, 2017).

Entre 1861 e 1864, o Barão Homem de Mello ocupou a cadeira de professor de História no renomado colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, de onde saiu para assumir sua primeira Presidência de Província, em São Paulo. Com intensa vida política, integrante do Partido Liberal, ele ainda seria presidente das províncias do Rio Grande Sul, Ceará e Bahia. Suas gestões, nas quatro províncias, tiveram um caráter focado em melhorias estruturais dessas regiões (WILDBERGER, 1949).

Além de participar como presidente de honra do 5º Congresso Brasileiro de Geografia – que também seria a sua última passagem pela Bahia antes de falecer –, ao lado de personagens da envergadura de Theodoro Sampaio, Braz do Amaral e Bernardino de Souza, é importante destacar que Homem de Mello dedicou boa parte dos seus 81 anos de vida aos estudos históricos e geográficos, chegando a publicar o *Atlas Geográfico sobre o Brasil e das Cinco Partes do Mundo*, publicado em 1916 pela F. Briguiet & Co, Editores no Rio de Janeiro, enaltecido por Bernardino de Souza (1913) pelos impressionantes avanços apresentados em relação aos estudos geomorfológicos (então denominados de orográficos ou fisiográficos).

Figura 2: Atlas do Brasil e das Cinco Partes do Mundo, escrita pelo Barão Homem de Mello.

Fonte: André Nunes de Sousa, 2018.

No âmbito das ações políticas empreendidas pelo Barão Homem de Mello, destacam-se a criação de uma lei que diminuiria os salários dos deputados da câmara em Salvador, outra concebendo uma estrada de ferro que ligaria Santo Amaro da Purificação a Bom Jardim, ambas cidades do interior da Bahia, além da construção do Cemitério de Bom Jesus, situado no bairro de Massaranduba em Salvador (WILDEBERGER, 1949). A pedido da população de Salvador, Barão Homem de Mello solicitou a construção da Ladeira da Montanha, contemplando as reclamações da população, que considerava as outras ladeiras de acesso entre a cidade alta e a cidade baixa, já existentes, a exemplo das ladeiras da Preguiça, Taboão e Misericórdia, íngremes demais para subir cotidianamente, tanto no trânsito de pessoas como de animais. Segundo Dórea (2006, p. 90):

> Esta é caminho recente, se cronologicamente comparada com as demais. Seu projeto de implantação – com o nome de "Rua da Montanha" foi elaborado, 1873, pelo engenheiro Francisco Pereira Aguiar, mas só seria aprovado cinco anos mais tarde [junho 1878], quando a Assembleia Legislativa concedeu, através da Lei nº 1809, autorização para a construção. O autor do projeto que idealizara a nova rua foi encarregado da execução das obras. (DÓREA, p. 90)

A construção da Ladeira da Montanha foi considerada uma obra de alta engenharia, pois escavava a rocha basáltica da principal da falha geológica de Salvador, definidora da bacia sedimentar do recôncavo (DÓREA, 2006).

> Ele contrata, de início, 100 operários e 18 carroceiros, estes últimos para o transporte de entulho, que no decorrer das obras acabou acumulado na Praia da Preguiça, inutilizando-a para os banhistas e gerando muitos protestos. Isso tudo apesar de o número total de empregados, apenas um mês depois de iniciados os trabalhos, já se elevar a 226 [alcançaria a 500 homens na fase mais ativa da obra]. (DÒREA, p.90)

E em 1880 a ladeira estava pronta, sustentada por 23 arcos de apoio, formando assim galerias, que podem ser vistas da ladeira da Conceição até hoje, habitadas a partir do século XIX, principalmente por ex-escravos em busca de trabalho, constituindo-se em um local de tradição de ferreiros, marmoreiros, vidreiros, artífices em geral, que transmitiam seus ofícios de geração em geração. Esses casarios construídos dentro dos arcos da Montanha desafiam a engenharia e enchem de beleza esse trecho da cidade. Atualmente, apenas 15 arcos estão sendo ocupados.

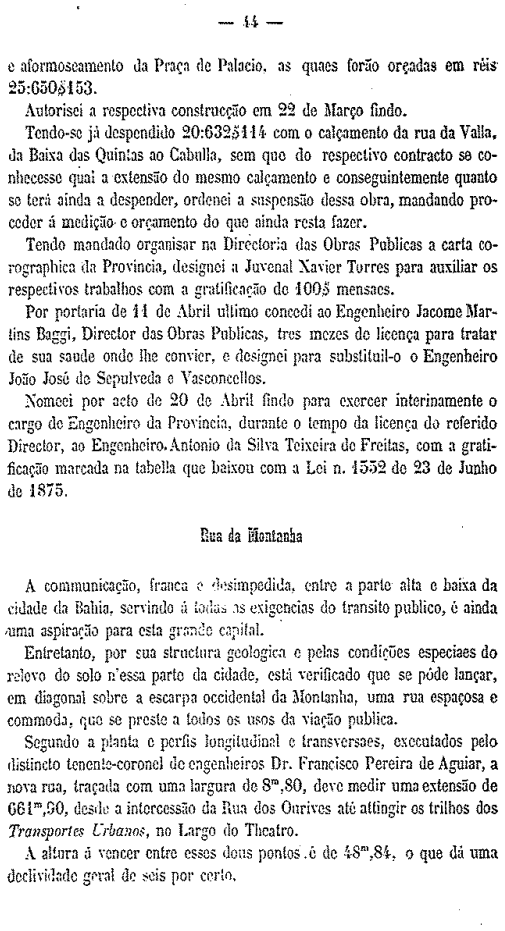
> [...] a obra só foi concluída em princípios de 1880, tendo o governo gasto mais de 200 contos de réis (80 além do valor previsto no orçamento inicial). A nova via seria batizada como Rua Barão Homem de Mello, mas o povo, como antes de construí-la, depois, continuou a

> chama-la de “Rua da Montanha” e, posteriormente, “Ladeira da Montanha”. (DÓREA, 2006, p. 91).

Segundo Wildberger (1849), os gastos ao final da obra foram maiores do que tinham sido previstos, em 1873. A saída encontrada pela administração pública para sanar as dívidas contraídas com a construção da ligação urbana foi a cobrança via pedágio para o trânsito da população, ou seja, para quem precisasse utilizar a ladeira. Essa taxa, defendiam os gestores, ajudaria a suprir o extensivo gasto que tivera do governo.

> Para fazer face ao ônus resultante da construção e conservação da rua, cobraria a Província o seguinte pedágio: 40 a 100 réis carroça ou cavaleiro, e 200 réis, sendo carro. Cessaria, entretanto, a cobrança logo que o produto do pedágio atingisse a importância das despesas feitas. (WILDEBERGER, 1949, p. 672).

Figura 3: Transcrição da Assembleia Legislativa de 1878, onde vemos o então Presidente da Província, Barão Homem de Mello, liberando a construção da Ladeira da Montanha.



— 44 —

e aformoseamento da Praça de Palacio, as quaes forão orçadas em réis 25:650$153.

Autorisei a respectiva construcção em 22 de Março findo.

Tendo-se já despendido 20:632$114 com o calçamento da rua da Valla, da Baixa das Quintas ao Cabulla, sem que do respectivo contracto se conhecesse qual a extensão do mesmo calçamento e conseguintemente quanto se terá ainda a despender, ordenei a suspensão dessa obra, mandando proceder á medição e orçamento do que ainda resta fazer.

Tendo mandado organisar na Directoria das Obras Publicas a carta corographica da Provincia, designei a Juvenal Xavier Torres para auxiliar os respectivos trabalhos com a gratificação de 100$ mensaes.

Por portaria de 11 de Abril ultimo concedi ao Engenheiro Jacome Martins Baggi, Director das Obras Publicas, tres mezes de licença para tratar de sua saude onde lhe convier, e designei para substituil-o o Engenheiro João José de Sepulveda e Vasconcellos.

Nomeei por acto de 20 de Abril findo para exercer interinamente o cargo de Engenheiro da Provincia, durante o tempo da licença do referido Director, ao Engenheiro Antonio da Silva Teixeira de Freitas, com a gratificação marcada na tabella que baixou com a Lei n. 1552 de 23 de Junho de 1875.

Rua da Montanha

A communicação, franca e desimpedida, entre a parte alta e baixa da cidade da Bahia, servindo á todas as exigencias do transito publico, é ainda uma aspiração para esta grande capital.

Entretanto, por sua structura geologica e pelas condições especiaes do relevo do solo n'essa parte da cidade, está verificado que se póde lançar, em diagonal sobre a escarpa occidental da Montanha, uma rua espaçosa e commoda, que se preste a todos os usos da viação publica.

Segundo a planta e perfis longitudinal e transversaes, executados pelo distincto tenente-coronel de engenheiros Dr. Francisco Pereira de Aguiar, a nova rua, traçada com uma largura de 8m,80, deve medir uma extensão de 661m,90, desde a intercessão da Rua dos Ourives até attingir os trilhos dos *Transportes Urbanos*, no Largo do Theatro.

A altura á vencer entre esses dous pontos é de 48m,84, o que dá uma declividade geral de seis por certo.

Fonte:http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/154/000044.html

Falar sobre a Ladeira da Montanha e seu entorno, significa falar de Salvador e de suas diferentes (re)configurações socioespaciais no tempo. No topo da Ladeira da Montanha, no período de sua inauguração, existia o famoso Teatro São João, localizado nas intermediações da atual praça Castro Alves. Fundado em 1806, o seu funcionamento de fato se deu entre 1812 a 1922, quando pereceu em um incêndio. Hoje não há mais nada na Praça Castro Alves que lembre que glorioso Teatro São João. Sua localização mais precisa dava-se ao norte da Praça de São Bento, com sua entrada voltada para a frente de um amplo terreiro (hoje a Praça Castro Alves); a leste, estava disposta a Baía de Todos os Santos e, logo aos pés do Teatro, que seria no futuro o topo da Ladeira da Montanha, existia apenas a Rua da Montanha; a oeste, onde estava uma de suas entradas secundárias, cresceu a atual Rua Chile, que na época recebia o nome de Rua Direita do Palácio (ROBATTO et al. 2003)

Figura 4: Fotografia de 1865 da atual Praça Castro Alves. Podemos ver na imagem o Teatro São João.

Fonte: www.salvador-antiga.com/centro-historico/teatro-sao-joao.htm

A partir da década 1920, a Ladeira da Montanha ficou conhecida por seus prostíbulos, o mais conhecido deles, era o Meia Três. No início do século XX, os prostíbulos da Ladeira da Montanha recebiam os nomes de seus números da faixada; o Meia Três juntamente com o Meia Cinco e o Meia Sete foram os principais cabarés da cidade de Salvador. A Ladeira da Montanha carregou a fama de ladeira da boêmia por seus bares e prostíbulos até o final do século XX. A ladeira e seus casarios passaram a sofrer com um processo mais intenso de deterioração na transição entre o final do século XX e o início do XXI.

Em 2015, oito desses casarios históricos caíram com as fortes chuvas que incidiram sobre a cidade a partir do mês de abril. É notório a falta de conservação dessas casas, seja pela má conservação de seus proprietários ou pela má administração dos órgãos que deveriam proteger esses casarios, órgãos como IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia) e a SUCOM (Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo), sendo esse último que realmente detém a posse legal deles.

Existe atualmente um prostíbulo, o Cinquenta e Um, e poucos bares na ladeira, a maioria dos casarios está tampada por concreto e escoras de ferro, uma maneira de proteger as pessoas e as estruturas do risco de desabamento. A Ladeira da Montanha é atualmente tão vazia e esquecida que apenas serve realmente para ligar as duas Cidades. O pouco de vida urbana acontece mais na ladeira vizinha que é a da Conceição, onde tradicionais artífices e moradores desses arcos da Ladeira da Montanha estão em constante luta para se manter ali, já que há o risco de desapropriação dessas pessoas para uma futura requalificação daquela localidade.

Uma descrição espacial sobre o entorno da Ladeira da montanha no passado e na atualidade

Observar e transcrever para uma folha de papel o que se observa é um dos métodos mais tradicionais e, também, eficazes e esquecidos da Geografia. É importante que quem se põe a descrever a paisagem, tente ser o mais fidedigno possível às suas sensações e impressões suscitadas a partir daquela observação, afinal, é desejado ainda que o geógrafo observador faça de sua descrição um texto capaz de possibilitar ao futuro leitor uma experiência da paisagem narrada.

Mas, como descrever o entorno da Ladeira da Montanha no início do século XIX? Descrições geográficas das paisagens são importantes, pois garantem um registro daquele momento como um documento, expressando as experiências de quem esteve lá. No nosso caso, para construirmos uma linha histórica sobre as transformações da paisagem da Ladeira da Montanha, utilizamos a fonte de um livro de João José Reis, *A morte é uma festa*, que constrói uma narrativa da paisagem a partir da leitura de outras descrições passadas, compondo uma descrição com força imagética sobre a Salvador do início dos oitocentos. Outro exemplo desse método foi feito pelo brilhante engenheiro-

geógrafo Theodoro Sampaio, ao contar como se deu a fundação da Cidade de Salvador, no livro *A história da fundação da cidade de Salvador*.

Apresentaremos nos próximos parágrafos algumas passagens do tópico em que o professor João José Reis faz um exercício de experienciar o passado, tal como propõe o filósofo Walter Benjamin ao defender que o passado não pode ser algo estático e que os historiadores devem sim usar de artifícios, principalmente os da arte de narrar, para estabelecer uma experiência com o passado. Para Benjamin (1996), a experiência do passado é diferente da vivência, ele defende que a vivência está ligada à reflexão individual e a subjetividade do indivíduo, já a experiência seria algo público e compartilhado (SOUSA, 2015). A utilização de obras como poesias, imagens ou relatos de pessoas que viveram o passado, deve nos servir para pensarmos e imaginarmos o cotidiano das pessoas, das cidades, da vida pública.

Assim o faz João José Reis (1991), nesse capítulo do livro que, curiosamente, o autor nominou de Geografia Humana:

> Uma topografia acidentada dividia Salvador em Cidade Alta e Cidade Baixa, tal como Lisboa. A ligação entre os dois planos se fazia por íngremes ladeiras, que os brancos geralmente subiam ou desciam dentro de cadeiras de arruar carregadas por negros. O trajeto era especialmente difícil nas estações chuvosas, que causavam desabamentos e inundações (...). As ruas eram estreitas, irregulares e mal calçadas, sujas, com esgotos abertos, dentro dos quais se lançava todos os tipos de dejetos. Eram também mal iluminadas por lampiões de azeite de baleia que frequentemente apagavam, deixando os habitantes na escuridão nas noites sem lua (...) (1991, p. 28).

Neste trecho é possível notar o padrão de construção da cidade-fortaleza, tanto aqui no Brasil, particularmente em Salvador, como em Portugal, em Lisboa. É possível também estabelecer correlações daquele período com o nosso presente, ruas estreitas, irregulares e mal calçadas ainda são características marcantes da Cidade Baixa, marcas de outro tempo técnico, como diria Milton Santos (1996), rugosidades, ainda diria o professor.

> O bairro da Praia, como se chamava a área do porto, era o coração do distrito comercial. Em frente ancoravam navios brasileiros e portugueses, ingleses, norte-americanos, franceses, alemães, suecos, dinamarqueses, e também as canoas, lanchas e saveiros que transportavam produtos do Recôncavo para a capital (...). Na rua do Ourives, dezenas de lojas se dedicavam exclusivamente à venda de pedras preciosas e semipreciosas. Essas e outras lojas eram pontos de encontro, onde se liam alto as notícias de jornais e se discutiam política local e nacional, a economia atlântica e a vida alheia. Muitos

> armazéns alojavam e expunham nas portas negros recém-chegado da África, pois Salvador, até a proibição de 1831, foi um dos principais centros desse comércio de gente no Brasil (...) (1991, p. 28)

Aqui imaginamos a Cidade Baixa vivendo seu período áureo em termos comerciais, o Porto de Salvador abarrotado de navios oriundos de várias partes do mundo, vendia-se até pedras preciosas. A dinâmica socioespacial era intensa nessa época na cidade baixa, no entorno da Ladeira da Montanha, com várias pessoas de Salvador e do mundo comentando sobre política e economia, por exemplo, evidenciando a importância de Salvador como a mais importante centralidade econômica do país, a principal praça comercial das Américas, posição que ostentou durante dois séculos e meio (VASCONCELOS, 2002).

"O cheiro de tabaco, por sinal, era uma característica da Cidade Baixa; o fumo, uma marca da cultura baiana que chamou a atenção de diversos estrangeiros. Os baianos fumavam muito, inclusive as mulheres" (REIS, 1991, p. 29). O fumo foi uma cultura que se perdeu em Salvador da nossa época, mas podemos perceber que na passagem entre os séculos XVIII e XIX era mais presente, era uma característica que definia a cidade, era seu cheiro e um hábito de muitos soteropolitanos.

> A Cidade Alta era mais limpa e calma. Era um bairro mais residencial e administrativo, não deixando de ter pequenas lojas dedicadas ao varejo de chapéus, tecidos, tabacos, remédios. Lá residia a maior parte dos habitantes da cidade, principalmente na freguesia da Sé, que era também o centro político e eclesiástico da cidade. Na praça do Palácio ficavam a Câmara Municipal, o Tribunal da Relação, a Casa da Moeda e o palácio do governo, este ocupado pelo governador colonial até a Independência, e a partir daí pelo presidente da província. A poucos metros se levantava a Santa Casa da Misericórdia, um conjunto arquitetônico que abrigava a sede desta distinta irmandade, sua igreja e hospital. Vizinha, levantava-se imponente a Catedral, edifício já bastante arruinado nos anos 30 do século passado. Mais adiante, no terreiro de Jesus, a magnífica igreja dos jesuítas, ao lado da Faculdade de Medicina, esta inaugurada nos primeiros anos da década 1830 [...] (REIS, 1991, p. 30).

Como uma cidade-fortaleza típica, Salvador guardava sua área administrativa na Cidade Alta, isto é, o centro político e eclesiástico da cidade, a força da Coroa Portuguesa protegida pelos muros da cidade. É possível observar a segmentação da cidade aqui: de diferentes ares, ruas mais largas, mais limpas e com uma atividade cultural mais intensa, a paisagem narrada evidencia que as pessoas de posse viviam apartadas do calor, da sujeira e do aperto que viviam as populações pobres na parte mais baixa da cidade.

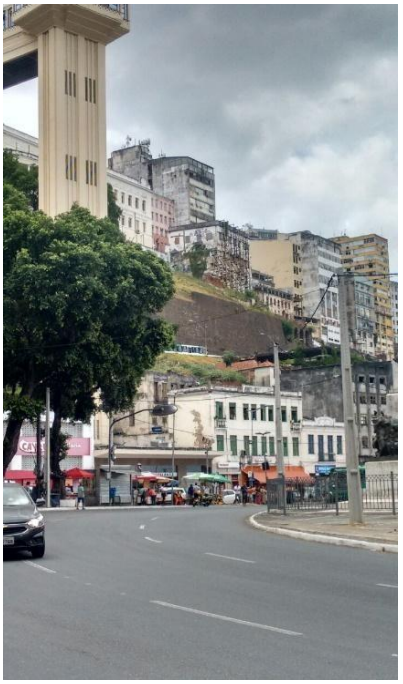
Após este exercício de experiência do passado, guiados pelas narrativas do professor João José Reis, partiremos para a um esforço de descrição da paisagem atual da Ladeira da Montanha e seu entorno. São descrições sobre as mesmas ruas que João José Reis transcreveu de maneira ímpar das Cidades Altas e Baixas do final do século XVIII e início do XIX. Há muitas similaridades, mas há também diferenças profundas entre essas duas Salvador, de ontem e de hoje. Nosso empenho é o de comparar a paisagem narrada pelo professor João José Reis e a que percebemos cotidianamente na Soterópolis do início do século XXI. A ideia é fazer da descrição espacial, um documento geográfico-histórico que nos auxilie a pensarmos e agirmos sobre o espaço que vivemos.

Salvador, dia 01 de fevereiro de 2018.

> *Desço do ônibus na Av. Lafayete Coutinho, em meio a algumas árvores, andando um pouco mais à frente na calçada deteriorada para os pedestres, vejo o Museu dos Azulejos, belo, mas que passa despercebido ao lado de outros casarios que são, na atualidade, bares, moradias de pessoas comuns, lojas de matérias de construção, etc. Sigo o meu caminho agora na Rua da Conceição da Praia, paralela à Av. Lafayete Coutinho. Por trás desta rua, está a Ladeira de mesmo nome, onde pode se ver apenas algumas das casas construídas dentro dos arcos da Montanha, à minha esquerda se ergue imponentemente A Igreja Nossa Senhora da Conceição da Praia, linda, triste, cinza e passando por reformas. Nesse meio percurso que faço entre a Igreja da Conceição da Praia a entrada do Elevador Lacerda, à minha direita estão a Base Naval, o Monumento a Cidade de Salvador, o novo (já antigo) Mercado Modelo e posso visualizar um pouco da Baía de Todos os Santos e alguns barcos atracados há alguma distância. É fevereiro em Salvador, além da cidade está quente por conta do verão e pelo fato de eu estar perto do mar, há muita gente circulando pelo bairro do Comércio, muitos turistas saindo do Mercado Modelo em direção ao Elevador Lacerda, para conhecer o Centro Histórico situado no Pelourinho, no topo da vertente bem acima de nós, ou os próprios soteropolitanos que estão indo ou vindo do trabalho, das escolas, faculdades – há inúmeras faculdades particulares no bairro do Comércio -, fazendo compras, ou vendendo para os turistas. Há muitas lojinhas, barraquinhas, e vendedores*

ambulantes em geral oferecendo artesanatos, roupas, comidas, bebidas, nesse calor - sem dúvida a água mineral e água de coco são os mais requisitados tanto pelos turistas quanto por nós, soteropolitanos. Há também uma sensação de pressa nesse período do ano por parte dos moradores de Salvador, faltando alguns dias para o carnaval, quem mora em Salvador sabe que contas a pagar, tirar dinheiro e comprar objetos essências são importantes fazer antes do carnaval começar, ainda mais no centro, tanto na Cidade Alta quanto Baixa, o centro para!

Figura 5: Podemos ver o ponto de ônibus em frente ao Elevador Lacerda, as barracas e os vendedores ambulantes.



Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

Então podemos notar que os turistas andam bem devagar pelas ruas, olhando tudo a sua volta, já os moradores da cidade andam rápido, cheios pressa, com mochilas, sacolas, geralmente indo para os pontos de ônibus. No ponto de ônibus em frente ao Elevador Lacerda, que também fica de frente ao Mercado Modelo, tento em um primeiro momento visualizar a Ladeira da Montanha, mas não consigo. Ela está escondida pelos casarios da Rua da Conceição da Praia, mesmo os dessa rua principal, alguns já

não estão habitados e há espaços vazios entre os casarios, demarcando que ali já esteve alguma construção, mas foi demolida ou caiu. E embora seja véspera de carnaval, um dos vendedores ambulantes toca em seu aparelho de som músicas diversas, uma prova de que os soteropolitanos são ecléticos se tratando de música.

Sigo o meu caminho passando pela Praça Visconde de Cayru - onde situa-se o logradouro do Mercado Modelo - atravesso a pista e entro na Rua Santos Dumont e, logo na entrada dessa rua, vejo um casario onde apenas sua faixada se mantém, por dentro não existe mais nada da estrutura antiga, hoje esse casario é um estacionamento, algo bastante comum se tratando dos casarios do bairro do Comercio, muitos vêm se tornando estacionamentos. Ao longo dessa rua, vi mais um casario onde apenas a fachada permanece, ele está oco por dentro e fechado. Há também vários exemplos do que seriam as rugosidades de que tanto fala Milton Santos, as casas mantêm a estrutura característica de sua época, mas são resinificadas no presente, um exemplo disso é a loja Agomes, que fica na Rua Santos Dumont.

Figura 6: Um dos casarios que se tornou estacionamento na Rua Santos Dumont.

Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018.

Entro na Rua Visconde do Rosário e dobro a esquerda, indo em direção ao pé da Ladeira da Montanha, precisamente na Rua do Corpo Santo, ali existem várias lojas de artigo esportivo e de sapatos em geral, a rua é bem vazia, vemos apenas moradores e os funcionários dessas lojas passando.

Quanto mais vazias vão ficando as ruas, mais lixo pode ser visto e mais casarios deteriorados também, onde claramente pode ser observado que essas estruturas não têm condições para serem habitadas, embora sejam.

Ao pé da Ladeira da Montanha, na Rua Pinto Martins, é possível ver um ponto de ônibus, e também é possível ver bastante lixo. Há uma bela residência se deteriorando. Ao que parece, se transformou em um lugar em que se aluga quartos. Começo a subir a Ladeira da Montanha, e de onde a observo, pude notar que há poucas casas em boa condição de habitação, há prédios totalmente selados, que são como cicatrizes em forma de rachaduras e ligas de metal fazendo a ponte de um passado com o nosso presente, no início da ladeira, também percebi que se transformou em um estacionamento de carros improvisado, principalmente se aproximando de um casario totalmente em ruínas e da Ladeira da Misericórdia, fechada por grades e vegetação. Me encanta notar como a vegetação luta por espaços e os consegue, mesmo que em meio a tanto cimento e ferro. Enquanto estava subindo, um senhor que cuida dos carros estacionados me alertou de que não deveria subir a Ladeira a pé: "era perigoso".

Figura 7: Fachada da loja Agomes na Rua Santos Dumont. A fachada se mantêm a mesma de como fora construída, mas seu uso ressignifica o espaço.

Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

De ônibus é possível, olhando para o alto, ver o Elevador Lacerda cruzando por cima da ladeira, um importante veículo de acesso entre as duas partes da cidade. Mas, é muito gratificante subir a Ladeira da Montanha e ter aquela primeira visão da Baía de Todos os Santos deslumbrante, como uma paisagem de cartão postal. Ao lado esquerdo da Ladeira está a rocha escavada e um tipo de vegetação não muito densa, se aproximando do Elevador Lacerda, é possível observa gramas, flores... um tipo de jardim. Quando nos aproximamos da Praça Castro Alves, observamos que o lado esquerdo da Ladeira é cimentado e, nesta meia parede, nos deparamos com algumas peças de roupas esquecidas por lá ou secando ao sol.

Figura 8: Início da Ladeira da Misericórdia, onde podemos ver as grades que a fecham e fachada de um casario praticamente destruído.

Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

Como subi a Ladeira da Montanha andando até um determinado trecho, percorri toda a Rua Pinto Martins, uma rua que mantem muitos casarios na parte de cima com seus aspectos originais, mas em seus últimos andares são lojas de calçados, óculos, roupas, lanchonetes de todos os tipos, há também muitos vendedores ambulantes vendendo todo tipo de produto,

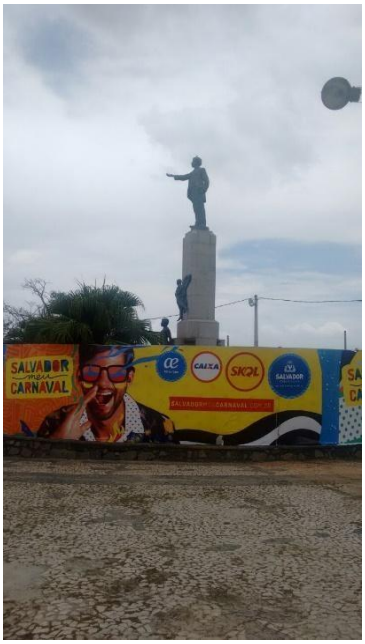
capas de celulares, antenas, frutas, rapaduras, etc. Ao sair da Rua Pinto Martins, chego à Rua Miguel Calmon, uma das mais movimentadas do Comércio, localizada nessa rua, o SalvadorCard, as faculdades Dom Pedro II e Unijorge, a UNIMED e o Banco Santander. Desemboco na Rua da Bélgica, que dá de frente com a lateral do Mercado Modelo, pego de novo a Av. Lafayete Coutinho para subir o Elevador Lacerda que custa R$ 0,15, mas tem uma estrutura precária. Depois de sair do elevador, abafado, lotado de trabalhadores e turistas, chego à Praça Tomé de Souza e vejo a palavra SALVADOR em letras coloridas e garrafais como quase um monumento, onde vários turistas ficam parados tirando fotos. Vejo também a Prefeitura de Salvador e a Câmara de Vereadores. Desço a famosa Rua Chile em meio às suas construções bastantes conservadas (em comparação às do Comércio). É possível ver lojas de câmeras fotográficas (as analógicas ainda), sebos de livros, lanchonetes, ponto de táxi, lojas de bolos, etc. Passo pela Fundação Gregório de Matos e chego à Praça Castro Alves, num calor e abafamento digno do verão soteropolitano.

Figura 9: Belíssimo edifício aos pés da Ladeira da Montanha.

Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

O monumento ao Poeta Castro Alves já está protegido para o carnaval, me viro de costas para ele e vejo o antigo Jornal A Tarde reformando e se preparando para virar um hotel, ao lado dele vejo o atual Espaço Itaú de Cinema Glauber Rocha, mas que até o início dos anos 2000 era o Cinema Guarani (este fora derrubado ao chão para o que novo cinema surgisse). Me viro um pouco mais e observo o Edifício Sulacape separando a Av. Sete de Setembro e a Rua Carlos Gomes. Me aproximo da mureta da Praça Castro Alves para observar a Baía e o fim da Ladeira da Montanha, vejo os ônibus e carros saindo da ladeira em direção à Rua Carlos Gomes. De onde estou é possível ver até a metade da Ladeira da Montanha, me viro de costas para a Baía e observo a Praça, há estruturas para os postos policiais, vejo pipoqueiros perto do Cinema Glauber Rocha, ainda fechado essa hora, observo a Ladeira da Montanha, a ladeira solitária, mais uma vez... Subo a Av. Sete e vou para casa.

Figura 10: Monumento do Poeta Castro Alves, protegido com tapumes para o carnaval.



Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

Considerações finais:

Este artigo teve como finalidade tratar da importância da Ladeira Barão Homem de Mello ou Ladeira da Montanha para a história da cidade, definindo-a com um espaço de experiências passadas e presentes, que guarda nas suas rugosidades, tão visíveis, uma grande densidade cultural cara aos soteropolitanos. A Ladeira Barão Homem de Mello manifesta-se, assim, em um exemplo das intensas transformações vividas pelo sítio urbano de Salvador.

Localizada no Centro Antigo, área que experimentou transformações substanciais em termos socioespaciais nos dois últimos séculos, podemos notar em seus casarios malconservados, nas suas ruas mal iluminadas e em sua população marginalizada o esquecimento dos órgãos públicos que deveriam proteger essas localidades, pois são resquícios de um passado áureo vivido por Salvador.

Foi valorizado neste artigo também a descrição da paisagem como método fundamental aos estudos geográficos, pois a descrição atenta da paisagem pode nos oferecer uma leitura socioespacial mais fidedigna de um dado momento histórico, de como era a paisagem e de como vivia sua gente, possibilitando um percurso analítico da paisagem para o espaço, isto é, de suas formas aos seus movimentos, conteúdos e fluxos.

Portanto, a descrição e transcrição do que foi vivido e do que está sendo visto, apresenta-se como importante instrumento metodológico para a Geografia. Utilizamos aqui descrições atuais do entorno da Ladeira da Montanha para tentar expressar a experiência vivida e sentida, numa maneira de fazer o leitor experimentar a realidade socioespacial o mais próximo possível das suas formas e conteúdos, além de descrições do passado. Acreditamos que através desse exercício podemos produzir documentos autênticos e de real valor geográfico-histórico, como foi feito pelo professor João José Reis e como tentamos fazer.

ANEXO

Figura 11: Entrada da Rua Corpo Santo, onde podemos ver as várias lojas de artigo esportivos.

Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

Figura 12: No Cruzamento da Rua Corpo Santo e Pinto Martins, um Casario parcialmente fechado se transformou em um depósito de lixo.

Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

Figura 13: Um dos exemplos dos muitos Casarios do bairro do Comércio já totalmente selado.

Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

Figura 14: Começo da Ladeira da Montanha.

Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

Figura 15: Cinema Glauber, antigo Cinema Guarani visto da praça Castro Alves.

Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

Figura 17: Antiga sede do Jornal A Tarde passando por reformas para se transformar num Hotel.

Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

Figura 18: O final da Ladeira da Montanha vista da praça Castro Alves.

Fonte: Arquivo da autora. 01/02/2018

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CLAVAL, Paul. **A Paisagem dos Geógrafos**. Coleção NEPEC, ano 2000. Páginas 15 á 74.

DÓREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos Nomes das Ruas**. Ed. EDUFBA, 2006. Páginas 90 e 91.

GONÇALVES, Neyde Maria dos Santos**. Impactos pluviais e desorganização do espaço urbano em Salvador – Bahia**. 1992. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GOMES, Marta Maria; ABBADE, Celina Márcia de Souza. **No Sobe e Desce das Ladeiras, Salvador Conta sua História.** Cadernos do CNFL, Vol. XIX, nº 02 – Lexicografia, lexicologia.

MELLO, Barão Homem de; MELLO, D. F. Homem de. **Geographia-Atlas do Brazil e das Cinco Partes do Mundo**. F. Briguiet & Co Editores, 1912.

PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia.** Ed. MEC, 1980, 3ª Edição. Páginas 214 e 215.

REIS, João José. **A Morte É Uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** Editora: Companhia das Letras, São Paulo. 1991. Página 28 a 30.

ROBATTO, Lucas; RODRIGUES, Clara Costa; SAMPAIO, Marcos da Silva. **Os Primórdios do Teatro São João (1806 – 1821).** Artigo retirado da internet, acessado dia 25 de fevereiro de 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo : Hucitec, 1978. Página 138

_____, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Hucitec. 1996. Páginas 103 á 110.

Site g1, Maiana Belo. **Dos arcos da 'Conceição' à Ladeira da Montanha, contos marcam história**. Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/salvador-466-anos/noticia/2015/03/dos-arcos-da-conceicao-ladeira-da-montanha-contos-marcam-historia.html>. Acesso em 11 de setembro de 2017

Site A Tarde, Euzeni Daltro. **Demolições afetam rotina na Ladeira da Montanha.** Disponível em: </http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1698422-demolicoes-afetam-rotina-na-ladeira-da-montanha/>. Acessado em 10 de fevereiro de 2018

Site A Tarde, Tatiana Mendonça. **Vida sob os arcos.** Disponível em: </http://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1661771-vida-sob-os-arcos/>. Acessado em 10 de fevereiro de 2018.

SOUSA, André Nunes de. **A Descrição Espacial como Método e Representação da Geografia: A Imaginação e a Reconstrução Histórica do Espaço**. Orgs. RIOS, Ricardo Bahia e RIOS, Kátia Aguiar. Diferentes Abordagens Teórico-metodológicas na Geografia: Contribuições para Novos Direcionamentos. Livre Expressão Editora, 1ª Edição, 2015.

_____, André Nunes. **Bernardino de Souza e o desenvolvimento da Geografia no Brasil.** Revista Terra Brasilis, 2017. Acessado dia 24 de março de 2018 </http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1980/>

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador: transformações e permanências**. Ilhéus: EDITUS, 2002.

WILDBERGER, Arnold. **Os Presidentes da Província da Bahia: 1824-1889**.

Salvador: Tipografia Beneditina, 1949. 863 p. il.